

LINGÜÍSTICA NACIONAL OU LINGÜÍSTICA NACIONALISTA?*

Patrik Sériot

Eu bebo à saúde do povo russo, porque mereceu nesta guerra o reconhecimento universal, enquanto força dirigente da União Soviética entre todos os povos de nosso país.

Stálin, *Discurso da Vitória*,
24 de maio de 1945.

Resumo: *Este texto analisa o processo de construção de uma identidade coletiva na União Soviética, tal como operado no campo da lingüística e, mais amplamente, do discurso sobre a língua. O interesse em estudar a URSS através desse recorte se justifica em virtude da grande atenção que o poder político soviético constantemente deu às questões de língua e de lingüística, tendo sido o único país no mundo que fez fuzilar seus lingüistas por razões de definição de língua. O texto analisa, especificamente, a passagem operada entre o internacionalismo proletário dos primeiros anos do regime soviético e o nacionalismo da época stalinista. Através da definição das relações entre a língua russa e as outras línguas (da URSS e do estrangeiro), procura-se compreender a constituição discursiva da nação russa em sua relação ao conjunto soviético e ao estrangeiro.*

Abstract: *This text analyzes the process of construction of a national collective identity in the Soviet Union, such as the one operated in the field of Linguistics and, more amply of the discourse about language. The interest in studying the USSR through this fact is justified due to the great attention that the soviet political power has constantly given to the questions of language and of linguistics, being the only country in the world which has shot its linguists to death for reasons of language definition. The text analyzes specifically the transition operated between proletarian internationalism in the first years of the soviet regimen and nationalism in the period of Stalin. Through the definition of the relations between Russian and the other languages (from Soviet Union and abroad) the aim is to comprehend the discursive constitution of the Russian nation in relation to the Soviet Union as a whole and the foreign world.*

É ADMITIDO 'grosso modo' que a segunda metade dos anos trinta constitui, na URSS, um momento de ruptura. Após o atentado contra Kirov,

os eventos simbolicamente constitutivos de uma identidade coletiva precipitam-se. 1936: com a Constituição dita “stalinista” o Estado torna-se de todo o povo e não a expressão da ditadura de uma classe. 1937: pelo centenário de sua morte, Puchkin é apresentado não mais somente como um grande poeta, mas como um grande poeta russo. 1938: o ensino de russo torna-se obrigatório nas escolas de nacionalidades não-russas.

Esse momento, que corresponde aos anos mais negros do terror, é também marcado por um “retorno” ao nacionalismo. Os fatos que o atestam são inumeráveis; basta pensar na revisão da história nacional, na qual o general Kutuzov, vencedor de Napoleão, deixa de ser apresentado como um proprietário de terras explorador de servos para tornar-se herói do povo russo. Mas se há um “retorno”, convém perguntar-se em relação a quê. Se considerarmos que o nacionalismo é a fabricação de uma identidade coletiva no plano imaginário e, *ipso facto*, a constituição de um Outro, podemos perguntar-nos se as figuras do Mesmo e do Outro que se colocam em cena nessa época são realmente um simples “retorno” a um estado anterior ou, pelo contrário, uma nova configuração, ou ainda uma mistura de ambos. Ora, essa problemática, por sua vez, levanta questões de ordem histórica, a saber: é possível *datar* essa mudança de orientação, quando e como se passa do “internacionalismo” ao “nacionalismo”? A passagem se faz de maneira brusca ou contínua, ela é a mesma em todos os domínios (político, científico, ideológico, artístico), ela teve lugar *no mesmo momento*? Mas “momento” deve ser tomado no estrito sentido cronológico?

Propomos estudar aqui essa “passagem” em uma das ciências humanas: a lingüística e, mais amplamente, o *discurso sobre a língua*.

A União Soviética é sem dúvida o único país no mundo que fez fuzilar seus lingüistas por razões de definição da língua. É assim o único onde o poder político deu, constantemente, uma tão grande atenção às questões de língua e de lingüística. Já essas singularidades deveriam, por si sós, justificar o interesse que há em estudar a União Soviética através de sua relação com a língua, com o signo e com a representação em geral, em buscar as razões que dão uma tal importância ao domínio político do signo, isto é, da ordem do simbólico.

Ao estudar a constituição discursiva de uma entidade, a nação russa, em sua relação ao conjunto soviético e ao estrangeiro, através da definição das relações entre a língua russa e as outras línguas (da URSS e do estrangeiro), parece-nos poder distinguir três conjuntos discursivos,

definidos em função de critérios de (relativa) estabilidade e coerência e não de uma cronologia estabelecida *a priori*.

Uma estabilidade aparente: o internacionalismo proletário

A Existência de Nações na URSS: Compromisso Tático ou Definição Essencialista?

Nos anos vinte, a nova escola histórica de M. N. Pokrovski¹ pronuncia uma condenação sem recurso do passado russo: a Rússia czarista é a “prisão dos povos” e o povo russo tem uma pesada responsabilidade de antigo colonizador. Cada povo deve reencontrar sua própria responsabilidade histórica diferenciando-se da Rússia. Pokrovski recusa assim toda idéia de uma comunidade (lingüística ou cultural) dos povos eslavos entre si. Contudo, o objetivo não é exaltar a cultura nacional de cada povo, mas de fazê-las participar por igual na nova cultura proletária.

Um aspecto dessa luta contra o chauvinismo grão-russo é o problema da criação dos alfabetos. Para evitar chocar as suscetibilidades nacionais, a escolha recai sobre uma base latina e não-cirílica: em 1926, o congresso de turcologia de Baku adota um alfabeto latino para as línguas turcas da União e em 1931 é criado um alfabeto latino unificado para as línguas do norte e do extremo oriente.

Em todas as regiões não-russas é praticada a política de “indigenização” (*korenizacija*), que impõe quadros locais para todos os postos administrativos.

Podemos ver um exemplo dos conflitos discursivos da época no artigo de S. K. Kaganovitch: “A luta contra o chauvinismo de grande poder e o nacionalismo local no domínio da lingüística”,² que trata da maneira pela qual devem ser conhecidas as relações entre o russo e o ucraniano. Segundo Kaganovitch, o chauvinismo grão-russo em matéria de língua traduz-se na oposição que os lingüistas russos que vivem na Ucrânia manifestam frente à ucranização da língua da república, posição classificada de “burguesa”. Seus juízos de valor sobre a incapacidade de a língua ucraniana assegurar as mesmas funções que a russa, por causa de sua pobreza e de sua falta de cultura, são amplamente criticados. Mas um problema muito mais interessante é o que diz respeito aos *limites das línguas*, isto é, à *identidade* de cada uma. Kaganovitch expõe a argumentação de Golanov,³ professor na Faculdade Pedagógica da Universidade de Moscou, e qualificado de representante típico do chauvinismo grão-russo. Para Golanov, o grão-russo,⁴ o bielo-russo e o ucraniano são três variantes da

mesma “língua russa” quando se trata de falas populares, mas no que diz respeito à língua normativa (*literaturnyj jazyk*), definida como “a fala das pessoas cultas e a língua dos melhores escritores russos”, é tão-somente o russo (grão-russo) propriamente dito que está na base. Assim, os elementos do ucraniano nas obras de Gogol são apresentados como “fatos de língua popular”, do mesmo modo que as palavras do dialeto de Tula nas obras de Tolstoi, o que permite a Kaganovitch pôr o livro de Golanov no mesmo estatuto que os dos “lingüistas russos reacionários de antes da revolução”.

Ao mesmo tempo, Kaganovitch evidencia marcas de chauvinismo grão-russo nos lingüistas do Partido, que “sob o pretexto da internacionalização praticam uma política de russificação”. Assim, Danilov,⁵ “desviante chauvinista”, escreve que “a língua dos operários da República da Rússia e da Ucrânia é a mesma, é a língua russa após outubro. A diferença só se manifesta em nuances de sons” (p. 168). Danilov dá então o fundamento de sua argumentação: “Uma tal ignorância do russo, a língua da revolução de outubro, não faz senão desorganizar as massas e desviá-las do estudo da língua normativa natal” (*ibidem*).

Essa problemática do empréstimo foi abundantemente discutida em cada época. Ela parece-nos particularmente reveladora dessa busca de uma identidade coletiva simbólica, fundada na constituição de uma fronteira, de um limite entre “nós” e “os outros”. Já em 1927 o lingüista E. D. Polivanov denunciava os perigos devidos à abundância de russismos nas línguas nacionais, precisamente por razões de ordem lingüística: eles destroem os nomes próprios das línguas nacionais e abalam a coerência fonológica de seu sistema.⁶

— O eurasismo

Em contraste com a atitude bolchevique dos anos vinte, parece-nos importante lembrar uma corrente muito importante da emigração russa entre as duas guerras, animadas, entre outros, por um dos maiores lingüistas da época, N. S. Trubetzkoy, o eurasismo. Aparentemente tudo opõe os bolcheviques e os emigrados do eurasismo. Entretanto, surpreendentes convergências vão aparecer a seguir.

Em 1927, Trubetzkoy, então professor de eslavística na Universidade de Viena, resume suas teses em um artigo: “O Nacionalismo Pan-Eurasiano”.⁷ Para ele, é graças ao sacrifício do povo russo, que aceitou não ser mais o único dono do país, que o antigo Império russo não se

desagregou após a revolução. O povo russo tornou-se um dos povos iguais em direitos que povoam o território do Estado. Ele acrescenta esta precisão importante:

É verdade que, ultrapassando todos os outros povos em número e possuindo uma tradição secular em matéria de organização estatal, o povo russo desempenha o primeiro papel entre todos os povos do território do Estado. Contudo, ele não é mais o dono da casa, mas somente o primeiro entre os iguais. (p. 25)

Trubetzkoy vê com realismo esse processo como irreversível e interroga-se sobre suas conseqüências para a “consciência identitária” (*samosoznanie*) russa. Se, antes da revolução, um nacionalista russo extremista devia ser considerado como um patriota, ele se torna agora um separatista, ameaçando a unidade do Estado. Dado que o ideal da ditadura do proletariado era insuficiente para “soldar todas as partes desse Estado em um todo único” (p. 26), era preciso encontrar um novo “substrato” capaz de fundar a unidade do Estado, isto é, de lutar contra “as aspirações nacionalistas e separatistas dos povos da URSS” (p. 28). Esse novo substrato para “o Estado que se chamava outrora o Império russo e agora a URSS, só pode ser o conjunto dos povos que vivem nesse Estado, considerado como uma nação constituída por diversos povos e, enquanto tal, que possui seu nacionalismo. Essa nação nós chamamos de eurásiana, seu território a Eurásia e seu nacionalismo, eurassismo” (p. 28). De maneira pouco diferente de Stálin, Trubetzkoy considera as “unidades étnicas” como dados. Mas ele admite encaixamentos de povos, uns nos outros, definindo o nacionalismo como “o sentimento intenso da natureza individual de uma unidade étnica, (que) reafirma antes de tudo a unidade orgânica e a originalidade desse grupo étnico (povo, conjunto de povos ou parte de um povo)” (p. 28). Trubetzkoy, procurando a todo preço evitar o “separatismo” no interior da URSS, propõe um programa militante, visando a deslocar um pouco os limites da identidade coletiva: o nacionalismo dos pequenos grupos *deve* “combinar-se” com o do grupo que os engloba, cada cidadão da Eurásia *deve* sentir que seu povo *pertence* à nação eurásiana e o nacionalismo eurásiano deve ser a *fusão* de cada nacionalismo em um mesmo todo (p. 29).

Um ponto, entretanto, não é jamais esclarecido e permanece no estado de pressuposto: por que é preciso manter juntos os povos do Estado soviético? Esse pressuposto é tão forte que Trubetzkoy nega toda realidade ao pan-eslavismo e ao pan-turquismo, que não são para ele senão forças centrífugas, enquanto que a “família eurásiana”, a “fraternidade eurásiana” (p. 29) é a única viável, devido à “comunidade de destino histórico” de seus povos (ainda uma fórmula próxima daquela de Stálin). Ele ataca, enfim, os “representantes de tendências ocidentais abstratas” que propõem um programa de “democracia ocidental” para a Rússia e não levam em conta o fato de que, para que um Estado seja viável, é preciso que seus cidadãos tenham consciência de seu pertencimento a uma unidade orgânica, étnica.

A Língua do Povo: Língua de Classe ou Língua Nacional?

Um pilar de estabilidade para o discurso contra o chauvinismo grão-russo é certamente o marrismo,⁸ doutrina lingüística que denegava toda realidade à língua nacional. Fundada em especulações sobre a língua como superestrutura e reflexo dos conflitos de classes sociais, ela sugeria um reagrupamento dos tipos de línguas em função de suas classes. Assim, para Marr, a língua falada pelos proletários russos era muito mais próxima daquela falada pelos proletários georgianos que daquela dos burgueses russos.

No final dos anos vinte, a teoria marrista ocupa uma posição dominante na lingüística soviética. Marr, rejeitando todos os raciocínios que poderiam repousar na noção de pureza étnica, elabora um ensino que deve impedir toda manifestação de chauvinismo grão-russo na URSS. Para ele a pureza étnica dos eslavos, bem como a origem comum das línguas eslavas, é um mito, já que as formações sociais, assim como os sistemas de línguas, não podem ter base genética.

A língua única da humanidade futura

Um assunto passionadamente debatido nos anos vinte e trinta na União Soviética é o futuro das línguas na sociedade socialista.

Para Marr “a futura língua universal única será de um tipo novo, particular, até aqui inexistente, do mesmo modo que a economia futura, a futura sociedade sem classes, a futura civilização sem classes... E a teoria [marrista] não pode conceber a língua de outro modo que como uma língua artificialmente criada”.⁹

Stálin é mais circunspecto: em seu relato no XVI Congresso do Partido (1930), que ratifica a nova doutrina do socialismo em um só país, ele declara que a língua única do futuro será o resultado da fusão das línguas existentes (e não uma língua artificial), “que, naturalmente, não será nem o grão-russo, nem o alemão, mas algo totalmente novo”.

Uma virada que não diz seu nome: conciliar o irreconciliável

Stálin chamou 1929 o ano da “grande virada”. Isso é certamente verdadeiro do ponto de vista da organização da economia e do poder político. Mas no domínio do discurso sobre a língua, a grande virada é mais difícil de circunscrever.

À Busca de uma Data-Chave

Primeira hipótese: 1930

Em seu relato no XVI Congresso, Stálin alerta para dois perigos, o chauvinismo grão-russo e os nacionalismos locais. Essa associação permite “ler” os textos da época de duas maneiras diferentes segundo o observamos de um lado ou outro do movimento pendular. Poderemos então reler o mesmo artigo de Kaganovitch extraíndo dele, esta vez, fórmulas totalmente contraditórias com seus ataques contra o chauvinismo grão-russo. Assim, lemos que o chauvinista grão-russo Danilov, declarando que a fala dos membros do Partido na Ucrânia está cheia de “sovietismos”, faz o jogo dos nacionalistas locais, para os quais a língua do povo ucraniano deve permanecer impermeável às influências russas.

Esse gênero de texto é interessante na medida em que uma nova topologia se coloca em cena: o Outro é efetivamente o burguês, o contra revolucionário, mas ele começa a aparecer, por exemplo, sob a forma da política lingüística da Polônia ou da Tchecoslováquia, que oprimem o ucraniano em seus territórios, com o pretexto de sua “inferioridade” (p. 90), e que “nacionalizam” seu vocabulário, rejeitando os empréstimos internacionais.

Segunda hipótese: 1934

Em finais de 1933 começam as detenções massivas de filólogos eslavistas, acusados de haver fomentado um complô baseado em Viena, visando a restaurar a monarquia na Rússia e à cabeça do qual se encontraria um emigrado branco, o príncipe N. S. Trubetzkoy. É o “caso Spéranski”.

Ora, em abril de 1934, quando da instrução, os chefes de acusações mudam bruscamente: o complô monárquico grão-russo é abandonado e é agora o caráter reacionário e irracional da filologia eslava, ciência desenvolvida na Alemanha fascista, que é posto de relevo.¹⁰

Lá ainda a figura do Outro deslocou-se, a fronteira da identidade permitiu delimitar um novo interior, diferenciando-o a partir de um adversário *estrangeiro*.

É precisamente da constituição de uma fronteira territorial que se trata, e não mais de uma fronteira ideológica, quando, em janeiro de 1934, no XVII Congresso do Partido, levantam-se as primeiras críticas contra a latinização dos alfabetos das línguas turcas em particular. No *Pravda* de 3 de fevereiro de 1934, lemos da pluma de Razumov:

*Eu não compreendo [...] por que os que defendem a manutenção do alfabeto iacuto, que é o mesmo que o alfabeto russo, seriam designados como sendo nacionalistas e chauvinistas, enquanto que, ao mesmo tempo, os que lutam pelo alfabeto do francês e do italiano (o alfabeto latino) seriam internacionalistas. [...] Por quem e por que o alfabeto latino se tornaria o alfabeto internacional? Qual vantagem tem, então, o alfabeto latino sobre o alfabeto cirílico no qual a poderosa cultura russa foi criada e se desenvolve?*¹¹

Terceira hipótese: 1945

Em 1945, o lingüista V. V. Vinogradov publica uma obra em louvor da “grande língua russa”, onde desenvolve ao longo das páginas um só e mesmo argumento: a língua russa é grande e poderosa. Esse livro, em total oposição com o marrismo, apesar de ter aparecido quando essa doutrina era institucionalmente dominante, deve ser relacionado ao começo do discurso sobre o *poder* na URSS, consecutivo à vitória militar. 1945 será assim a data determinante na qual a língua grão-russa (*velikorusskij jasyk*) tornou-se massivamente a Grande língua russa (*velikij russkij jazyk*).

Uma Tensão Insustentável

Entretanto, todas as hipóteses são impasses. Por que não 1949, por exemplo, data na qual a língua russa, já “grande e poderosa”, torna-se, ainda,

“a língua da cultura mais avançada”?¹² Em 1949 podemos citar Marr e interpretá-lo ao contrário (“a língua é indissolivelmente ligada ao povo que a fala”), basta ler a palavra “povo” em sua interpretação unanímista, romântica (opondo-se aos outros povos) e não mais socialista (opondo-se às outras classes).

Em 1949, mesmo a ciência torna-se nacional:

Ninguém duvida da importância universal da geometria euclidiana para todos os tempos e para todos os povos, embora os Elementos de Euclides, sua composição e seu estilo sejam profundamente nacionais, sejam uma das mais notáveis manifestações do espírito da Grécia antiga, ao lado das tragédias de Sófocles e do Partenão. É nesse sentido que são nacionais a física de Newton, a filosofia de Descartes e a ciência de Lomonosov.

A história da ciência russa mostra que o próprio de seus sucessos, de seus homens de gênio é uma particular amplidão de visão nos objetivos e nos resultados, aliados, não obstante, a uma surpreendente fidelidade aos fatos e às realidades, assim como a uma grande simplicidade de abordagem das soluções. Esses traços, esse estilo de trabalho, que encontramos tanto em Mendeleev como em Pavlov, são particularmente notáveis em Lomonosov.¹³

Mas todos esses textos têm em comum que estão em contradição com a teoria marrista, justamente no momento em que esta última é a única autorizada é sustentada oficialmente em lingüística. Contraditória é a categoria fechada do povo-nação com a teoria das línguas nacionais e das nações na sociedade futura. A história do, ou dos, discurso(s) sobre a língua na URSS é a história dessa tensão cada vez maior entre duas posições irreconciliáveis. Essa ambigüidade fundamental vai resolver-se com a vitória sobre a Alemanha e o nacionalismo feroz, às vezes fanático, que a segue, nutrido do sentimento de estar rodeado de um mundo hostil. Vejamos, por exemplo, a história da palavra “cosmopolitismo”.

Na *Grande Enciclopédia Soviética* publicada em 1937, o cosmopolitismo é um “termo político de origem grega que denota a

aspiração da revolução proletária de transformar o mundo interior em uma pátria para a classe operária”.

Na edição de 1952 da mesma enciclopédia, o cosmopolitismo é uma “ideologia burguesa reacionária que rejeita as tradições nacionais e a soberania nacional, prega a indiferença frente à pátria e à cultura nacional, e preconiza o estabelecimento de um governo mundial e de uma cidadania mundial”.

No final dos anos quarenta a tensão que se manifestava havia uma década entre os *diferentes discursos sobre a língua* atingem seu paroxismo. A teoria marrista, ideologicamente útil no passado, tornava-se totalmente inadequada para a fabricação da nova identidade coletiva desejada pelo regime: o “povo soviético”, unificado na ciência russa e na língua russa. Ela será por sua vez “liquídada” em julho de 1950 por Stálin.

Retorno à estabilidade em um modo inverso: o discurso sobre a língua na época da estagnação

Após 1950 instala-se, até o advento de M. S. Gorbachev, um discurso sobre a língua de uma notável estabilidade, que repousa sobre dois pontos: a especificidade da lingüística soviética e a superioridade da língua russa. É o período chamado da “estagnação”.

O Poder e a Riqueza

Um dos termos-chave utilizados no discurso soviético sobre a língua na época da “estagnação” para qualificar o russo é o adjetivo “rico”:

*Não é um acaso que a língua russa impressione pela riqueza de seu vocabulário.*¹⁴

Mas o que queremos ressaltar aqui é que a superioridade do russo pelo seu “poder” é apresentada como fundada em critérios intrínsecos:

*A língua russa contemporânea é um fenômeno original, podemos dizer único, na história da cultura mundial. Os processos que surgem aí apresentam um profundo interesse histórico. Neles se reflete ainda mais intensamente o poder criativo da língua russa.*¹⁵

Entretanto, Vinogradov não fez, ao que parece, senão desenvolver uma idéia que se encontrava já “no ar” antes dessa data. É assim que um autor

como Gorki é frequentemente citado nos discursos sobre a língua, com julgamentos tais como:

*A língua russa é infinitamente rica e continua a enriquecer-se com uma velocidade surpreendente.*¹⁶

Dessas considerações sobre a riqueza (lexical e estilística) do russo, segue-se que devemos considerar que existem “línguas ricas” e “línguas pobres”. Reconhecemos aí uma problemática surgida da lingüística romântica, aquela da primeira metade do século XIX na Europa, aquela precisamente que Marx e Engels conheciam nos anos 1850.

As Palavras para Dizer

Por que então a Grande língua russa é a melhor das línguas? Porque ela concentra nela mesma o melhor de cada língua estrangeira (isto é, européia):

Como nenhuma outra das “línguas mundiais” da época contemporânea, a língua russa, conservando sua originalidade no curso de um muito longo período, assimilou as particularidades das áreas lingüísticas do Ocidente e do Oriente, fazendo sua herança greco-bizantina, latina, oriental e do velho-eslavo da Antigüidade. Ao longo da Idade Média, da história moderna e contemporânea, ela apropriou-se do que há de melhor nas línguas românicas e germânicas da Europa. Contudo, o motor principal do aperfeiçoamento, da formação e do polimento do russo foi a intensa atividade criativa das gerações de russos e após de grandes homens exprimindo-se no domínio da ciência, da política, da técnica, da cultura, da literatura, não somente russos, mas ainda de todo o Império russo e depois da União Soviética inteira. O russo tornou-se uma língua altamente desenvolvida, rica, experimentada e aberta em suas potencialidades, normatizada e ordenada, estilisticamente diferenciada, historicamente equilibrada, capaz de servir não somente às necessidades internas de uma na-

*cionalidade e de um Estado, mas também às necessidades internacionais. O russo demonstrou ser intrinsecamente pronto para tornar-se uma "língua mundial" quando os fatores sociais a levaram a isso: ainda mais, as qualidades lingüísticas do russo aceleraram e aprofundaram a ação desses fatores sociais.*¹⁷

Muito antigos são os termos dessa problemática: influenciados pelo idealismo e o messianismo alemães, os membros da sociedade filosófico-literária dos Ljubomudry nos anos 1820 procuravam já fazer a síntese russa do que estava *disperso* na Europa.

Da Desigualdade das Línguas

Em um sistema de idéias onde as línguas são colocadas em rivalidade em termos de riqueza e de adequação, o russo é intrinsecamente superior porque é intrinsecamente rico. Essa riqueza não é nem medida nem demonstrada, mas utilizada como argumento de comparação entre as línguas. Notemos que essa comparação se efetua essencialmente com as línguas da *Europa Ocidental*, o que lembra igualmente os debates do século anterior sobre a verdadeira natureza da Rússia em face da Europa e sobre a superioridade da Rússia.

*Se as línguas da Europa do Oeste receberam a riquíssima herança lingüístico-cultural grega através do latim, o russo, pelo contrário, participando do mesmo processo, caracterizou-se também por seu antigo contato direto com a cultura de Bizâncio. À diferença das línguas da Europa do Oeste, o russo esteve em interação permanente com as línguas do Oriente. A partir desses fatos externos, que já haviam chamado a atenção dos lingüistas há mais de um século, podemos já concluir sobre as condições particularmente favoráveis nas quais viveu e se desenvolveu a língua russa.*¹⁸

O debate é, nessa última passagem, ainda mais antigo, já que encontramos nela os ecos da antiga rivalidade entre Bizâncio e Roma, entre o Oriente e o Ocidente europeu: ainda uma vez, é a *natureza* da Rússia que está em questão.¹⁹

A caução fundamental dessa concepção encontra-se, sob o nome de “lingüística marxista”, reivindicada como o ideal a ser alcançado por toda lingüística histórica digna desse nome. Segundo Budagov, por exemplo:

*Todos esses julgamentos foram e permanecem no momento atual não somente errôneos, mas também perigosos: eles estão acompanhados habitualmente de afirmações demagógicas sobre a igualdade total de todas as línguas e em todos os povos. A igualdade genética das línguas é um fato indiscutível. Mas, nem é preciso dizer, esse fato não exclui de nenhuma maneira o grau diverso de desenvolvimento das diferentes línguas, pois cada língua está ligada a toda a cultura de seu povo, cultura cujo nível está sempre condicionado historicamente.*²⁰

E ele acrescenta um pouco mais adiante a esse respeito: “Esta tese é a base da lingüística histórica marxista.”

A língua do grande povo russo

A fórmula segundo a qual a Grande língua russa é a língua do grande povo russo está extremamente difundida no discurso sobre a língua durante a “estagnação”.²¹ Sua origem deve ainda uma vez ser procurada no livro de Vinogradov.

O poder e a grandeza da língua russa são um testemunho irrefutável das grandes forças vitais do povo russo, de sua alta cultura original e de seu grande destino histórico. A língua russa é unanimemente reconhecida como a grande língua de um grande povo.²²

Segue-se um certo número de conseqüências.

- Conhecer a língua russa é um meio de acesso ao conhecimento do povo russo; inversamente, conhecer as obras dos russos suscita o desejo de conhecer sua língua:

Poderia parecer que as boas traduções atuais deveriam fazer diminuir o interesse pelo russo enquanto tal: “Posso ler Tolstoi, Gorki, Plekhanov e Lênin em minha língua materna.” Na realidade, é freqüentemente o inverso que observamos: tendo aprendido a conhecer Tolstoi e Gorki traduzidos,

nação. É também a história da mudança da figura do Outro, evacuada do interior ao exterior da identidade nacional.

Entretando, são esses precisamente os limites dessa entidade coletiva que cambaleiam atualmente, no momento da exacerbação dos particularismos locais na URSS de M. Gorbatchev, recolocando em causa tanto a “consciência identitária” de Trubetzky como a noção de “um só povo” de Stálin. Assistimos, assim, ao aparecimento de um novo Outro: o povo de ao lado, russo ou de outra origem, e de um novo nacionalismo, no nível mais estreitamente local, verificando assim as apreensões que Trubetzky formulava desde o final dos anos vinte.

Tradução: Carolina Rodríguez Alcalá - CEL/Unicamp

Notas

* Artigo publicado em Michel Niquex (org.) (data), *La question russe. Essais sur le nationalisme russe*. Editions Universitaires.

¹ 1868-1932; não confundir com o lingüista M. M. Pokrovski, 1868-1942.

² S. K. Kaganovitch, lingüista ucraniano; não confundir com o dirigente político L. M. Kaganovitch. S. K. Kaganovitch, “Bor’ba s velikoder avnym šovinizmom i mestnym nacionalizmom v oblasti jazykovedenija” (A Luta contra o Chauvinismo de Grande Potência e o Nacionalismo Local no Domínio da Lingüística), *Literatura i iskusstvo*, 1931, nº 4, pp. 88-95.

³ Golanov, *Russkaja dialektologija* (Dialetoлогия Russa), Moscou, M.G.U., 1929.

⁴ Isto é, o russo propriamente dito, por oposição ao bielo-russo e ao ucraniano (ou “pequeno-russo”).

⁵ G. K. Danilov, “Jazyk obščestvennogo klassa” (A Língua da Classe Social), *Uèenye zapiski Int-a jazyka i literatury RANION*, 1929, vyp. 3, p. 163-194.

⁶ E. D. Polivanov, *Stat’i po obščemu jazykoznaniju* (Artigos de Lingüística Geral), Moscou, 1968, p. 204.

⁷ N. S. Trubetzky, “Obščeevrazijskij nacionalizm” (O Nacionalismo Pan-Eurasiano), *Evrazijskaja xronika*, nº 9, Paris, 1927, pp. 24-31.

⁸ N. Ja. Marr (1864-1934), lingüista georgiano. Sua doutrina foi declarada oficialmente “lingüística marxista”.

⁹ N. Ja. Marr, *Jafetièeskaja teorija* (A Teoria Jafética), Leningrado, 1928, p. 21.

¹⁰ Sobre a liquidação da eslavística, cf. o artigo de S. B. Bernstein, “Tragièeskaja stranica iz istorii slavjanskoj filologii (30-e gody XX veka)” (Uma Página Trágica da História da Filologia Eslava [Os Anos 30 do Século XX]), *Sovetskoe slavjanovedenie*, 1989, nº 1, pp. 77-82.

¹¹ Citado por R. Robin, *Le réalisme socialiste*. Paris, Payot, 1986, p. 64.

*Quanto mais um povo se desenvolve intensivamente, maior é sua cultura, mais diversificada é sua produção, mais elevadas são sua técnica, sua arte, mais rica é sua língua, mais estendido é seu fundo lexical, mais expressivos são seus meios lingüísticos. Não é um acaso que a língua russa impressione pela riqueza de seu vocabulário, no qual, como em um espelho, se reflete toda a vida de um povo, a história de seu desenvolvimento.*²⁷

- A “escolha voluntária” do russo pelos outros povos dever-se-ia, assim, a “fatores objetivos”, tais como o gênio próprio do povo russo: “a História fez com que” o povo russo tenha ultrapassado os outros povos na via da transformação revolucionária da sociedade. Em consequência, a Grande Língua russa, que reflete esse avanço, é mais democrática do que as outras. Bem o havia visto Herzen, que falava já da “profundeza democrática da língua russa”.²⁸

A Grande língua russa atual, sob a forma “literária” (isto é, normativa), tem assim um lugar particular com o “povo” russo, entidade não-definida, que oscila sem cessar entre a idéia de *nação* (como Todo) e a de *massas populares* (como parte do Todo). Aqui ainda encontramos ecos da lingüística românica, e particularmente de Herder (1744-1803), que estabeleceu uma relação estreita entre língua e nação, entre a língua e o caráter nacional.

É justamente do *caráter nacional* russo que se trata quando se justifica a necessidade de aprender o russo pela ligação língua russa / povo russo:

*O caráter russo, a atitude russa de fraternidade frente aos oprimidos, a capacidade de atenção russa são agora conhecidos no mundo inteiro.*²⁹

Conclusão

Da língua do chauvinismo de grande potência à grande língua do grande povo russo, vimos forjar-se pouco a pouco a idéia de um “Povo-Um” (segundo a expressão de C. Lefort), povo que nenhum *conflito* interior saberia dividir e que deveria cimentar a existência de um Outro: o mundo ocidental.

A história do discurso sobre a língua na URSS é uma via de acesso à constituição dessa topologia imaginária, fundadora de uma entidade, a

nação. É também a história da mudança da figura do Outro, evacuada do interior ao exterior da identidade nacional.

Entretanto, são esses precisamente os limites dessa entidade coletiva que cambaleiam atualmente, no momento da exacerbação dos particularismos locais na URSS de M. Gorbachev, recolocando em causa tanto a “consciência identitária” de Trubetzky como a noção de “um só povo” de Stálin. Assistimos, assim, ao aparecimento de um novo Outro: o povo de ao lado, russo ou de outra origem, e de um novo nacionalismo, no nível mais estreitamente local, verificando assim as apreensões que Trubetzky formulava desde o final dos anos vinte.

Tradução: Carolina Rodríguez Alcalá - CEL/Unicamp

Notas

* Artigo publicado em Michel Niquex (org.) (data), *La question russe. Essais sur le nationalisme russe*. Editions Universitaires.

¹ 1868-1932; não confundir com o lingüista M. M. Pokrovski, 1868-1942.

² S. K. Kaganovitch, lingüista ucraniano; não confundir com o dirigente político L. M. Kaganovitch. S. K. Kaganovitch, “Bor’ba s velikoder avnym šovinizmom i mestnym nacionalizmom v oblasti jazykovedenija” (A Luta contra o Chauvinismo de Grande Potência e o Nacionalismo Local no Domínio da Lingüística), *Literatura i iskusstvo*, 1931, nº 4, pp. 88-95.

³ Golanov, *Russkaja dialektologija* (Dialetoлогия Russa), Moscou, M.G.U., 1929.

⁴ Isto é, o russo propriamente dito, por oposição ao bielo-russo e ao ucraniano (ou “pequeno-russo”).

⁵ G. K. Danilov, “Jazyk obščestvennogo klassa” (A Língua da Classe Social), *Uèenye zapiski Int-a jazyka i literatury RANION*, 1929, vyp. 3, p. 163-194.

⁶ E. D. Polivanov, *Stat’i po obščemu jazykoznaniju* (Artigos de Lingüística Geral), Moscou, 1968, p. 204.

⁷ N. S. Trubetzky, “Obščeevrazijskij nacionalizm” (O Nacionalismo Pan-Eurásiano), *Evrazijskaja xronica*, nº 9, Paris, 1927, pp. 24-31.

⁸ N. Ja. Marr (1864-1934), lingüista georgiano. Sua doutrina foi declarada oficialmente “lingüística marxista”.

⁹ N. Ja. Marr, *Jafetièeskaja teorija* (A Teoria Jafética), Leningrado, 1928, p. 21.

¹⁰ Sobre a liquidação da eslavística, cf. o artigo de S. B. Bernstein, “Tragièeskaja stranica iz istorii slavjanskoj filologii (30-e gody XX veka)” (Uma Página Trágica da História da Filologia Eslava [Os Anos 30 do Século XX]), *Sovetskoe slavjanovedenie*, 1989, nº 1, pp. 77-82.

¹¹ Citado por R. Robin, *Le réalisme socialiste*. Paris, Payot, 1986, p. 64.

- ¹² V. N. Jarceva, *Reakcionnaja sušènost' teorii mirovogo anglo-saksonskogo jazyka* (A Natureza Reacionária da Teoria da Língua Mundial Anglo-Saxônica), Moscou, 1949, p. 17.
- ¹³ S. I. Vavilov, "Lomonosov i russkaja nauka" (Lomonosov e a Ciência Russa), coletânea, *Lomonosov*, t. 5, Moscou, 1949, p. 23.
- ¹⁴ Said Šermuxanedov era ministro da Educação da RSS de Uzbequistão no começo dos anos oitenta, na grande época da máfia do algodão. Seu livro, *A Língua Russa, Grande e Poderoso Meio de Comunicação do Povo Soviético*, leitura complementar destinada aos alunos do último ano do segundo grau, é uma ilustração ou, mais exatamente, a afirmação repetida desse princípio de base (S. Šermuxanedov, *Russkij jazyk-velikoe i moguèe sredstvo obšèenija sovetskogo naroda*, Moscou, 1980, p. 18).
- ¹⁵ V. V. Vinogradov, *Velikij russkij jazyk* (A Grande Língua Russa), Moscou, 1945, p. 166, citado por Šermuxanedov, *ibid.*, p. 49.
- ¹⁶ M. Gor'kij, *O. C.*, t. 24, p. 491, citado em Šermuxanedov, *ibid.*, p. 51, sem indicação de data.
- ¹⁷ V. G. Kostomarov, "Russkij jazyk v medunarodnom obšèenii (A Língua Russa na Comunicação Internacional)" em F. P. Filin (org.) *Russkij jazyk Encyclopedija* (Enciclopédia do Russo), 1979.
- ¹⁸ V. G. Kostomarov, *Russkij jazyk sredi drugix jazykov mira* (A Língua Russa entre as Outras Línguas do Mundo), Moscou, 1975, pp. 166-167.
- ¹⁹ Sobre a reutilização da oposição religiosa Bizâncio/Roma na sociolinguística soviética da época de Brejnev, confrontar P. Sériot, "Roma, Bizâncio e a Política da Língua na URSS" em *Cahiers du monde russe et soviétique*, XXIX (nº 3-4), julho-dezembro de 1988, p. 567-574.
- ²⁰ R. A. Budagov, *Jazyk – Real'nost' – Jazyk* (A Língua – A Realidade – A Língua), Moscou, 1983, p. 66.
- ²¹ Cf. G. G. Gamzatov, "Voprosy dvujazyčèija v Dagestane" (O Problema do Bilingüismo no Dagestão), *Izvestija Akademii Nauk, Serija lit. i jazyka*, 1983, 3, p. 249.
- ²² V. V. Vinogradov, *op. cit.*, citado em V. G. Kostomarov, *op. cit.*, p. 81.
- ²³ R. A. Budagov, "Zametki o russkom jazyke v sovremennom mire (Observações sobre a Língua Russa no Mundo Contemporâneo)", *Voprosy jazykoznanija*, 1977, 1, pp. 3-15.
- ²⁴ Nós traduzimos, assim, *me nacional'nyj jazyk*, que se opõe a *me dunarodnyj jazyk* (língua internacional), isto é, que diz respeito somente às nacionalidades no interior da URSS.
- ²⁵ Šermuxanedov, *op. cit.*, p. 8.
- ²⁶ S. R. Rašidov, "A Língua de nossa Unidade e de nossa Fraternidade", conferência de Tachkent, 22-24 de maio de 1979, citado por Šermuxanedov, *ibid.*, p. 146.
- ²⁷ Šermuxanedov, *ibid.*, p. 18.
- ²⁸ Budagov, "Langue et société" em Filin (org.), *op. cit.*
- ²⁹ Šermuxanedov, *op. cit.*, p. 136.